

Julie Pires, Doris Kosminsky, Gabriela Irigoyen*

PPGD/EBA/UFRJ: Desdobramentos da pesquisa acadêmica teórico-prática na pós- graduação em Design

*

Julie Pires Professora Associada da Escola de Belas Artes da UFRJ e coordenadora, desde 2014, o Grupo de Pesquisa Imagem(i)matéria. É Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ e Mestre em Design pela PUC-Rio. Atua desde 2017 como Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Design da Escola de Belas Artes da UFRJ, onde orienta pesquisas de caráter teórico-prático que se situam na fronteira entre o design e as artes visuais. Atualmente é Coordenadora do PPGD/EBA/UFRJ.

julie.pires@eba.ufrj.br

ORCID 0000-0003-1057-0827

Doris Kosminsky Professora Titular da Escola de Belas Artes da UFRJ e coordena, desde 2010, o Laboratório da Visualidade e Visualização (LabVis). Integra os Programas de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFRJ) e em Design (PPGD/EBA/UFRJ), desenvolvendo pesquisas teórico-práticas em visualização artística de dados, de-

Resumo O artigo adota abordagem qualitativa e exploratória para refletir sobre a criação e a implantação do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Belas Artes da UFRJ (PPGD/EBA/UFRJ), articulando essa experiência a debates sobre pesquisa em design e metodologias teórico-práticas no campo do Design Visual. O programa iniciou suas atividades em 2017 (mestrado) e consolidou-se em nove turmas; o doutorado foi aprovado em 2024 e implantado em 2025. A proposta do doutorado enfatiza pesquisas teórico-práticas críticas e experimentais, comprometidas com sustentabilidade, inclusão e demandas contemporâneas. O texto explicita heranças epistemológicas do PPGD e dialoga com contribuições de Bomfim, Frayling e Redström. Com base nesse referencial e na observação das pesquisas, propõe uma tipologia de três eixos de articulação teórico-prática: Poéticas do fazer (processo e materialidade como evidência), Modelagens crítico-analíticas (instrumentos e argumentos crítico-visuais) e Iteratividade orientada a diretrizes (sínteses transferíveis). Por fim, sustenta-se que a interdependência entre teoria e prática é central ao debate acadêmico em design e que, no PPGD/EBA/UFRJ, se concretiza pela tipologia proposta.

Palavras Chave Pesquisa em Design, Pesquisas teórico-práticas, Pensar-fazer, Teoria no Design.

Dossiê PPGD EBA/UFRJ

sign de informação e processos criativos orientados por dados. Doutora em Design pela PUC-Rio, recebeu menção honrosa no Prêmio Capes de Tese. É Cientista do Nosso Estado (FAPERJ, 2021) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Atua como editora-chefe do periódico InfoDesign e foi curadora das exposições e livros Existência Numérica (2018 e 2024).

doriskos@eba.ufrj.br

ORCID 0000-0003-2087-3928

Gabriela Irigoyen Artista visual, designer e pesquisadora. Desde 2004, cria livros-objeto e livros de artista com abordagem poética e experimental. Suas obras já circularam em exposições no Brasil e no exterior e integram acervos públicos. É Mestre em Design pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Atualmente é doutoranda no PPGD/EBA/UFRJ e pesquisa o livro dentro da categoria livro de artista, a partir de um enfoque que o insere no quadro social que o inventa e o consome, buscando o diálogo entre o design, a filosofia, a história, literatura e arte e suas relações com as tecnologias contemporâneas.

gabrielairigoyen@ufrj.br

ORCID 0009-0002-3589-7404

PPGD/EBA/UFRJ: Developments in Theory-Practice Research in Graduate Design studies

Abstract *This article adopts a qualitative and exploratory approach to reflect on the creation and implementation of the PhD program in the Graduate Program in Design at the School of Fine Arts of the Federal University of Rio de Janeiro (PPGD/EBA/UFRJ), relating this institutional experience to current debates on design research and theory-practice methodologies in the field of Visual Design. The program began in 2017 with the Master's degree, and the PhD was approved in 2024 and launched in 2025. Its proposal emphasizes critical and experimental theory-practice research committed to sustainability, inclusion, and contemporary demands. The article makes explicit the program's epistemological legacies and engages with contributions by Bomfim, Frayling, and Redström. Based on this theoretical framework and on the analysis of research developed within the program, it proposes a typology of three axes of theory-practice articulation: Poetics of making (process and materiality as evidence), Critical-analytical modellings (analytical instruments and critical-visual arguments), and Guideline-oriented iterativity (transferable syntheses). Finally, it argues that the interdependence of theory and practice is central to contemporary academic debates in design and, within the PPGD/EBA/UFRJ, is operationalized through the proposed typology.*

Keywords *Design Research, Theory-Practice Research, Thinking and Making, Theory in Design.*

PPGD/EBA/UFRJ: Avances en la investigación teórico-práctica en el posgrado en Diseño

Resumen *El artículo adopta un enfoque cualitativo y exploratorio para reflexionar sobre la creación e implementación del doctorado del Programa de Posgrado en Diseño de la Escuela de Bellas Artes de la Universidad Federal de Río de Janeiro (PPGD/EBA/UFRJ), vinculando esta experiencia institucional con los debates contemporáneos sobre investigación en diseño y metodologías de articulación entre teoría y práctica en el campo del Diseño Visual. El programa inició sus actividades en 2017 con la maestría, y el doctorado fue aprobado en 2024 e implementado en 2025. La propuesta doctoral enfatiza investigaciones teórico-prácticas de carácter crítico y experimental, comprometidas con la sostenibilidad, la inclusión y las demandas contemporáneas. El texto explicita las herencias epistemológicas del PPGD y dialoga con los aportes de Bomfim, Frayling y Redström. A partir de este marco teórico y del análisis de las investigaciones desarrolladas en el programa, se propone una tipología de tres ejes de articulación teoría-práctica: Poéticas del hacer (proceso y materialidad como evidencia), Modelizaciones crítico-analíticas (instrumentos y argumentos crítico-visuales) e Iteratividad orientada a directrices (síntesis transferibles). Finalmente, se sostiene que la interdependencia entre teoría y práctica es central en el debate académico en diseño y que, en el PPGD/EBA/UFRJ, se operacionaliza mediante la tipología propuesta.*

Palabras clave *Investigación en Diseño, Investigación teórico-práctica, Pensar y hacer, Teoría en el Diseño.*

Introdução

O presente artigo se caracteriza por uma abordagem qualitativa e exploratória, que busca articular a experiência vivida, na criação e desenvolvimento do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com questionamentos e debates emergentes da pesquisa nesse campo, localizando possíveis caminhos de encontro na investigação acadêmica, ao integrar teoria e prática.

O PPGD/EBA/UFRJ foi criado em 2016 e iniciou o curso de mestrado acadêmico em agosto de 2017. Após oito anos de experiência na formação de pesquisadores em nível de mestrado, em agosto de 2025 implantou sua primeira turma de doutorado, inaugurando uma nova fase do Programa, e alcançando o mais alto nível na formação de recursos humanos para a pesquisa científica, tecnológica e artística. Com o doutorado, espera-se colaborar de modo diferenciado para o desenvolvimento de metodologias teórico-práticas originais no campo do Design Visual, apresentando resultados de pesquisas inéditas sobre temas contemporâneos relacionados às necessidades da comunidade regional e nacional.

Desde a criação do mestrado, o PPGD/EBA/UFRJ esteve focado na abordagem de caráter teórico-prático para as pesquisas de mestrado desenvolvidas pelos seus discentes. Na proposta de Doutorado, essa intenção expressa-se na adoção de um enfoque metodológico que privilegia pesquisas teórico-práticas, voltadas ao desenvolvimento de práticas inovadoras e experimentais. Busca-se formular e aplicar metodologias críticas e reflexivas no campo do Design Visual, orientadas à criação imagética em seu contexto cultural e comprometidas com o desenvolvimento sustentável em suas múltiplas dimensões.

Suas duas linhas de pesquisa enfatizam o emprego de metodologias teórico-práticas articuladas à reflexão crítica e às colaborações interdisciplinares, cujas investigações atravessam campos que vão das ciências às artes visuais: (a) Linha Imagem, Tecnologia e Projeto – dedica-se aos aspectos conceituais, metodológicos e projetuais do design de objetos imagéticos em diversos contextos tecnológicos de produção e difusão do conhecimento. Ocupa-se das representações gráficas e dos projetos de artefatos imagéticos com foco na tecnologia, crítica, inovação e sustentabilidade; (b) Linha Design e Cultura – concentra-se na visualidade contemporânea, tratando de questões relacionadas a linguagens, aspectos simbólicos do design, conceitos e práxis, tendo a abordagem cultural como eixo do processo investigativo. Enfatiza a interação entre seres humanos e artefatos visuais, produzidos no âmbito acadêmico ou popular.

Por ocasião da implantação do doutorado do PPGD/EBA/UFRJ, o presente artigo propõe uma reflexão sobre diferentes formas de investigações teórico-práticas, registrando algumas de suas principais características nas pesquisas acadêmicas em design. Assim, com o objetivo de compreender melhor a perspectiva que conduz o desenvolvimento

dessas pesquisas, trataremos dos principais conceitos e pontos de contato das abordagens investigativas em design no âmbito acadêmico, a partir dos autores Johan Redström (2017), Christopher Frayling (1993), Kristina Niedderer e Linden Reilly (2010), Bruce Archer (1995), Gustavo Bomfim (1994) e Tim Ingold (2022).

No primeiro momento, um panorama sobre as heranças epistemológicas do programa e da pesquisa acadêmica em design estabelece o contexto desta área de pesquisa ainda recente, tanto do ponto de vista local, em sua inserção na Escola de Belas Artes e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, quanto nacional. Deste modo, será traçado um fio condutor para evidenciar as relações que se estabeleceram ao longo das mudanças proporcionadas pelo surgimento de programas de pós-graduação que vieram a consolidar um pensamento acadêmico e crítico sobre o design.

Em seguida, a partir do reconhecimento acadêmico do design como uma profissão fundada na prática, o artigo aborda as implicações, para a pesquisa em design, do tensionamento entre pensar e fazer, considerando a relevância de teorias associadas às práticas do design e da arte, como contribuição para a produção de conhecimentos passíveis de validação acadêmica.

O conceito de transição entre limites é apresentado como forma de compreender diversos modos de pesquisa, possíveis no design e na arte, que busquem entrelaçar pensar-fazer, teoria-prática e arte-ciência. Ao explorar métodos e abordagens que enxergam a prática projetual e artística como uma forma de pensamento e a teoria como algo que pode ser produzida a partir de processos e artefatos, observa-se que o conhecimento não está apenas no discurso verbal, mas também na forma, no uso e experiência dos processos e produtos criados.

Por fim, as reflexões produzidas a partir de algumas pesquisas desenvolvidas no PPGD/EBA/UFRJ retornam ao programa como formas sistematizadas de (re)conhecimento. Estas não são apresentadas aqui como modelos a serem seguidos e replicados, mas como objetos de reflexão que permitem enquadrar e explicitar métodos próprios de investigação, indicando horizontes para pesquisas futuras no doutorado. Desse modo, abrem caminho para o desenvolvimento de metodologias teórico-práticas originais no campo do Design Visual, com contribuições efetivas para a pesquisa acadêmica na área.

Heranças epistemológicas

O Programa de Pós-Graduação em Design foi criado no âmbito do ensino e da pesquisa da Escola de Belas Artes da UFRJ no ano em que a EBA celebrou seu bicentenário. Trata-se do segundo programa de pós-graduação da Escola, precedido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, instituído em 1985 e que, ao completar 40 anos de existência, alcançou nota 7 na última avaliação quadrienal. Em duas de suas linhas de pesquisa, o Programa em Artes Visuais enfatiza as articulações entre prática artística

e campo teórico, por meio de propostas teórico-práticas em artes visuais. Tal ênfase constitui uma herança institucional relevante, que se projeta na criação do Programa de Pós-Graduação em Design, ao dar continuidade a abordagens de caráter teórico-prático, agora situadas no campo do design.

Embora haja um intervalo de cerca de 30 anos entre a criação dos dois programas da Escola de Belas Artes, observam-se afinidades entre seus projetos formativos, especialmente no que diz respeito à valorização da indissociabilidade entre pensar e fazer. Essa proximidade também se expressa na composição do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Design, que contou, em sua criação, com a participação de docentes egressos do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais ou vinculados a ambos os programas, reforçando a continuidade acadêmica e conceitual entre as duas iniciativas.

No contexto mais amplo da pesquisa em design, diversos autores, desde a década de 1990, têm debatido a necessidade de articular a atividade prática – isto é, o projeto – à pesquisa acadêmica, de modo a qualificar e fundamentar as escolhas projetuais. Conforme argumentam Niedderer e Reilly (2010) e Durling, Friedman e Gutherson (2002), no Reino Unido, a integração dos departamentos de Artes e Design ao sistema universitário britânico intensificou o debate sobre a pesquisa em arte e design, fomentando o desenvolvimento de investigações acadêmicas nessas áreas e contribuindo para sua consolidação institucional.

No Brasil, o primeiro mestrado em Design foi criado em 1994, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, marco inicial da institucionalização da pesquisa acadêmica em design no país. Posteriormente, integrou seu corpo docente o professor e pesquisador Gustavo Bomfim, autor do texto *Sobre a Possibilidade de uma Teoria do Design* (1994), apresentado no primeiro Congresso P&D Design. Neste trabalho, o autor delinea perspectivas para o surgimento de uma teoria do design de caráter interdisciplinar, evidenciando sua qualidade intrínseca de articulação entre fazer prático e pensamento teórico. Trata-se de um momento inaugural para a reflexão sistemática sobre a constituição do design como campo de conhecimento no âmbito acadêmico brasileiro.

Como ocorre em outras áreas acadêmicas relativamente recentes, os primeiros momentos da pesquisa em design concentraram-se na formulação de conceitos e metodologias próprias, muitas ainda em processo de consolidação e revisão na área, frequentemente inspiradas em referenciais oriundos de outros campos do saber. Nesse contexto, Bomfim busca responder à questão sobre a possibilidade de o design constituir-se como campo de conhecimento dotado de teoria própria. Para tanto, o autor examina o surgimento histórico da profissão, a centralidade do pensamento científico na fundação das escolas de design e o diálogo entre arte, tecnologia e ciência, destacando a forte influência das ciências na estruturação dos cursos de design, especialmente a partir da Hochschule für Gestaltung, em Ulm.

Segundo Bomfim, o design, como atividade e disciplina, distingue-se da arte e do artesanato por configurar-se como “uma práxis que procura seguir princípios de diversas ciências na determinação da figura dos objetos” (Bomfim, 1994: 16). No âmbito da pesquisa acadêmica stricto sensu, o autor sustenta que a formação de mestres e doutores em design somente se justificaria caso esses fossem capazes de elaborar enunciados científicos, contribuindo para a constituição de uma teoria específica do campo. Ao longo do texto, ressalta ainda a importância da comunicação entre os especialistas – os que “sabem” – e destes com os profissionais – aqueles que “fazem” (Bomfim, 1994: 21). Já na década de 1990, portanto, delineava-se uma questão central para o debate sobre a pesquisa em design: a tensão entre teoria e prática e seus diferentes agentes, problemática que vem sendo aprofundada por autores como Frayling (1993), Archer (1995), Niedderer e Reilly (2010), Frankel e Racine (2010) e Redström (2017), entre outros.

Tensões entre pensar e fazer

Ao longo das últimas décadas, a pesquisa em design no Brasil e internacionalmente intensificou um debate recorrente sobre as diversas possibilidades de diálogo entre teoria e prática, a fricção entre pensar e fazer, além de reconhecer e disseminar no espaço acadêmico aquilo que se aprende no processo de design. Parte desse debate tem raízes históricas. Ao observar a constituição moderna do design no contexto da industrialização, Christopher Frayling (1993) e Donald Schön (1983) reconhecem que o ensino do campo se estruturou, desde cedo, com forte valorização de atividades práticas. É por isso que, no nível da graduação, há relativo consenso sobre a centralidade do “fazer” para a formação. O impasse aparece com nitidez quando a pós-graduação passa a exigir que o design não apenas produza objetos e soluções, mas também produza conhecimento em termos debatíveis e comunicáveis no horizonte acadêmico.

Em *The Reflective Practitioner*, Schön formula essa questão como uma tensão decisiva ao criticar o modelo da racionalidade técnica, no qual a prática é entendida como mera aplicação instrumental de teorias científicas para resolução de problemas (Schön, 1983). Essa perspectiva se apoia numa herança positivista do século XIX, que elevou a ciência empírica ao estatuto de forma exclusiva de conhecimento e relegou a prática ao papel de mera execução. O resultado é um corte: “pensar” fica associado à pesquisa, à explicação e à abstração; “fazer”, à produção, ao procedimento e ao ofício. Para Schön, essa separação falha justamente onde a prática acontece: no “pântano” das situações reais, marcado por incerteza, singularidade e conflitos de valores. É nesse terreno que emergem problemas decisivos para a sociedade – como sustentabilidade, demandas sociais e inclusivas – que resistem a abordagens lineares e a respostas tecnicamente “corretas” no sentido estrito.

O ponto crítico, aqui, não é defender o fazer como valor em si, mas reconhecer que o fazer em design envolve julgamento, reinterpretação

do problema e decisões situadas que não cabem em uma lógica exclusiva de aplicação. Isto desloca a questão: se o projeto opera em condições de ambiguidade, então o pensamento não pode ser tratado como algo que ocorre apenas “antes” do fazer; há um pensamento no fazer.

É nesse ponto que Bruce Archer introduz requisitos necessários para qualificar a tensão sem dissolvê-la: a distinção entre o exercício da prática (artística ou projetual) e uma investigação sistemática. Archer propõe perguntas que funcionam como teste de passagem do fazer para a pesquisa: a atividade foi uma investigação cujo objetivo era conhecimento? foi conduzida sistematicamente? os dados foram explicitados? o registro foi transparente? os resultados foram validados adequadamente? (Archer, 1995). Em outras palavras, a tensão entre pensar e fazer não é resolvida ao declarar que “o processo importa”; ela exige tornar visíveis as operações do processo – critérios, decisões, evidências – de modo que o conhecimento produzido não permaneça apenas na esfera do tácito.

É também nesse plano que a contribuição de Tim Ingold se encaixa com precisão. Ao descrever o artesão como aquele que pensa através do que faz, Ingold destaca um pensamento que se dá em tempo real, respondendo aos fluxos e resistências dos materiais: a pesquisa como “correspondência” não é acumular informação sobre o mundo, mas abrir a percepção para o que está se passando nele e responder a isso (Ingold, 2022). Essa formulação interessa aqui porque radicaliza a ideia de que pensar e fazer não são blocos separados: o pensamento pode ser entendido como um modo de atenção e resposta, inseparável do engajamento com o ambiente e com a materialidade.

A pesquisa teórico-prática em design entende que o conhecimento pode ser produzido na prática projetual e pela reflexão sistemática sobre ela. Assim, o fazer do designer é concebido como investigação, o que desafia dicotomias tradicionais entre ciência e prática e afirma o design como campo legítimo de pesquisa e produção de conhecimento (Downton, 2003). Nessa perspectiva, a teoria não apenas antecede a ação: ela também emerge do próprio processo projetual.

Em síntese, esta seção localiza a tensão onde ela efetivamente se instala: entre a valorização do fazer (central ao design) e a demanda acadêmica por explicitação, discussão e validação do conhecimento. A seção seguinte desloca o foco dessa tensão para um problema mais específico: como, na pesquisa em design, os limites entre teoria e prática podem ser transicionados sem que uma seja reduzida à outra, na medida em que ambas se constituem em um movimento relacional e processual, no qual o pensamento se elabora na ação e a ação se reconfigura pela reflexão.

Transicionando limites entre teoria-prática

Se a dicotomia “pensar/fazer” aponta uma fricção de regimes de valor, “teoria/ prática” introduz um problema metodológico: como articular produção de conhecimento e produção projetual de modo que

nem a prática vire mera ilustração, nem a teoria vire algo externo e anterior ao processo.

Uma contribuição inicial, já clássica no campo, está nas tipologias de Frayling e Archer, que distinguem respectivamente as modalidades de pesquisa sobre o design, para o design e por meio do design (Frayling, 1993) e pesquisa sobre a prática, pesquisa para os fins da prática e pesquisa por meio da prática (Archer, 1995). Essa distinção é decisiva porque reconhece, de forma explícita, que a prática pode operar como meio de investigação – desde que se assumam critérios de sistematização, registro e validação (Archer, 1995). Nesse contexto, a Research through Design (RtD) costuma ser entendida como a modalidade que permite maior entrelaçamento entre projeto e produção de conhecimento, ainda que permaneçam desafios importantes de generalização, validação e comunicabilidade do conhecimento produzido.

A contribuição de Johan Redström ganha densidade precisamente por enfrentar o ponto que costuma fragilizar a RtD: a dificuldade de explicar o que, afinal, o design produz quando produz conhecimento. Redström (2017) afirma que pesquisa acadêmica e teoria não são a mesma coisa – mas que a teoria pode ser uma das coisas que o design produz. Ao caracterizar o design como um campo frequentemente atravessado por dicotomias (forma–função, artesanato–indústria, produção–consumo), ele observa que a posição “no meio” pode levar à tentação de escolher um polo confortável (teoria ou prática; arte ou ciência). Sua resposta é recusar essa saída e reconhecer a heterogeneidade da pesquisa por meio do design: não há um método único capaz de eliminar, por decreto, as tensões entre o particular e o geral; há, antes, um campo de variações que precisa ser tratado de modo explícito e produtivo.

É nesse movimento que Redström propõe repensar a própria noção de teoria no design. Em vez de tratar teoria como um sistema estável, fechado e exterior ao projeto, ele desloca o foco para teorias que operam em transição – não por serem “menos rigorosas”, mas por atuarem como dispositivos conceituais ajustáveis ao devir do projetar. A teoria, nessa perspectiva, não é apenas algo que se enuncia em textos: ela pode emergir do processo de designing (experimentação, prototipagem, ensaio, testes) e da reflexão crítica sobre o que foi produzido. Em termos diretos: a teoria pode ser algo que se faz, e os artefatos podem incorporar ideias e funcionar como argumentos, críticas e proposições. Esse ponto é central para um doutorado em design, porque desloca a pergunta do “onde está a teoria?” para “o que conta como teoria quando o design investiga e formula conhecimento a partir de seus próprios meios?”.

Essa discussão se articula com a posição de Kristina Niedderer e Liam Reilly ao enfatizarem que investigações em arte e design mobilizam, de modo constitutivo, conhecimento experiencial e tácito, sem que isso seja um desvio do rigor. O desafio é outro: encontrar modos de tornar esse conhecimento comunicável e debatível, preservando sua complexidade e reconhecendo seu papel nas decisões projetuais (Niedderer & Reilly, 2010).

Aqui, a prática reflexiva em Schön (1983) retorna como sustentação: a oscilação entre ação e reflexão – e, sobretudo, a necessidade de explicitar como se aprende no “pântano” das situações reais – fundamenta a ideia de que o rigor não depende de expulsar o experiencial, mas de articular criticamente aquilo que a prática produz.

Ao mesmo tempo, convém evitar um deslize comum: tratar RtD como rótulo suficiente. Mesmo quando se assume que teoria pode emergir da prática, permanece a exigência acadêmica de demonstrar como se passou do caso singular a alguma maneira de formulação: seja um método, um conjunto de critérios, uma tipologia, uma diretriz ou um framework. O ponto de convergência entre Archer, Schön, Niedderer & Reilly e Redström está justamente aí: a prática não precisa ser subalternizada, mas precisa ser trabalhada como evidência – com registro, explicitação de decisões e formas de validação adequadas ao campo.

É nesse horizonte que se insere a seção seguinte, Encontros entre teoria e prática no PPGD/EBA/UFRJ, onde essa articulação é apresentada como três eixos recorrentes no desenvolvimento do programa: Poéticas do fazer: experimentação material e processo como evidência; Modelagens crítico-analíticas: artefatos, linguagens e sistemas como campo de teoria; e Iteratividade orientada a diretrizes: do artefato ao conceito operacional.

Encontros entre teoria e prática no PPGD/EBA/UFRJ

Esta seção se ancora no deslocamento do “saber-fazer” da esfera do tácito para discutir formas comunicáveis e cumulativas de conhecimento. O referencial discutido nas seções Tensões entre pensar e fazer e Transicionando limites entre teoria-prática, com ênfase em prática reflexiva e nos debates sobre pesquisa em/por/através do design, nos permite reconhecer que, no campo do design, teoria e prática não se conectam por hierarquia (teoria seguida pela prática), mas por co-produção: a prática reorganiza o problema, define critérios e produz evidências; a teoria oferece instrumentos para descrever, interpretar, justificar e generalizar, dentro de limites explícitos, aquilo que a prática revela.

Ao observarmos o conjunto de pesquisas do PPGD/EBA/UFRJ, torna-se possível agrupar recorrências metodológicas não por tema, mas por modos de produzir conhecimento: (i) quando o conhecimento emerge do experimento material e do processo criativo; (ii) quando se constitui por análise e modelagem relacional de artefatos, sistemas e repertórios, frequentemente com apoio de estratégias visuais de pensamento; e (iii) quando se consolida em ciclos iterativos de projeto orientados a proposições prospectivas, culminando em conceitos operacionais, diretrizes ou frameworks.

Seguindo esta organização, estabelecemos os três eixos a seguir que perpassam as linhas do programa. Eles funcionam como uma lente descritiva para explicitar o que conta como evidência, como se organiza o percurso metodológico e que formas de resultado são consideradas legítimas em

investigações teórico-práticas. Deste modo, uma mesma pesquisa pode atravessar mais de um eixo.

Eixo 1 – Poéticas do fazer: experimentação material e processo como evidência

Este eixo reúne investigações na fronteira entre arte e design. O conhecimento é produzido pela experimentação material, pelo manejo de linguagens e pela descrição crítica do processo, com suas decisões, desvios e contingências. Nessa configuração, o artefato não é apenas resultado, mas funciona como uma situação de pesquisa, um dispositivo que convoca perguntas, impõe resistências, reorienta hipóteses e exige critérios internos de avaliação.

Do ponto de vista metodológico, são recorrentes ciclos de concepção, experimentação e análise, com documentação rigorosa (diários, cadernos, versões, matrizes de decisão, registro de falhas e reiteraões). A prática reflexiva opera em dois planos: a reflexão na ação, quando o fazer reorganiza o problema em tempo real, e a reflexão sobre a ação, quando o percurso é reconstruído e tornado comunicável, com critérios explícitos. O ganho acadêmico do eixo não se reduz a um “objeto bem acabado”, mas à produção de entendimento sobre como certas escolhas estéticas, técnicas e simbólicas se tornam argumento e evidência.

Neste eixo, destacamos algumas pesquisas. Em O livro-monstro: um artefato tridimensional como espaço poético, a pesquisa de Giovane Ferreira, orientada por Irene Peixoto, desloca o livro de suporte de leitura para artefato expandido, enfatizando uma experiência corporal e sensível. A contribuição não se limita ao objeto final, porque o conhecimento é construído ao longo de um percurso em que “erros e imprevisibilidades” deixam de ser ruído e passam a operar como material epistêmico – aquilo que permite explicitar condições de criação, limites de controle e descobertas não antecipadas. O mito do dragão-baleia funciona como eixo conceitual e cultural articulador, mediado pela leitura simbólica de Nise da Silveira; a reflexão se sustenta em interlocução com Gaston Bachelard e Tim Ingold, reforçando a inseparabilidade entre materialidade, imaginação e construção de sentido.

A pesquisa de mestrado O livro (de artista) em sua dimensão poética de Gabriela Irigoyen, também orientada por Irene Peixoto, consolida o livro de artista como plataforma expressiva e como método. A combinação entre revisão bibliográfica, análise crítica de obras de referência e um corpus autoral formado por livros produzidos entre 2010 e 2024, define um percurso em que a prática é meio para formular e tensionar conceitos. A posição assumida de designer-artista pesquisadora confere consistência ao argumento de que o projeto pode ser lugar de produção de conhecimento. As afinidades conceituais mobilizadas – Tim Ingold, Roger Chartier, Ulises Carrión, Gilles Deleuze e Félix Guattari – operam como estrutura interpretativa para compreender a prática como pensamento

material. Os dois livros resultantes, e sua seleção para a IX Bienal da EBA/UFRJ, constituem “corpos de evidência” que estabilizam procedimentos, linguagens e critérios.

Na pesquisa *Rua: diálogos entre processo criativo e ambiente urbano*, Raissa Albuquerque, orientada por Julie de Araújo Pires, investiga como a rua interfere nos processos de grafiteiros e muralistas e observa a emergência de objetos autorais como parte do próprio entendimento teórico. Ela nomeia esses desdobramentos de “criação residual”: artefatos que não são metas finais, mas consequências do processo de tomada de consciência dos elementos vividos e analisados. Um exemplo é o lambe-lambe “rua de quem?”, derivado de perguntas sobre pertencimento e desconforto em espaços públicos, concebido em escala corporal para ser percebido como um passante. Outro é o “não-mapa de registros múltiplos”, que descontextualiza trajetos registrados no Strava e os reconstrói como narrativa visual plural, valorizando o corpo e a experiência como disparadores. Por fim, os “zines de encontros” sintetizam caminhadas a partir de diário de campo, fotografias e categorias de observação, convertendo rastros cotidianos em fabulações críticas.

Em termos de clareza e especificidade, este eixo se define por quatro marcas: (1) centralidade do processo e da materialidade como motores de investigação; (2) documentação reflexiva capaz de tornar o percurso auditável; (3) construção de critérios internos de avaliação; e (4) resultados que frequentemente assumem a forma de repertórios de procedimentos, princípios poéticos e deslocamentos conceituais derivados do fazer.

Eixo 2 – Modelagem crítico-analíticas: artefatos, linguagens e sistemas como campo de teoria

O segundo eixo concentra pesquisas em que a produção de conhecimento se dá principalmente por análise, comparação, categorização e construção de argumentos – muitas vezes apoiados por estratégias visuais (diagramas, paralelismos, matrizes, esquemas). Aqui o foco é a capacidade de construir compreensão crítica por meio de recortes, modelos e instrumentos de leitura. O “prático” entra como operação analítica (intervenção visual, tradução de linguagem, prototipação como teste de hipótese) e como exame de sistemas (interfaces, plataformas, protocolos, dispositivos de mediação).

As pesquisas exemplificadas neste eixo mostram uma amplitude consistente: do uso de linguagens gráficas para desmontar narrativas hegemônicas até a avaliação de plataformas digitais e experiências imersivas. O trabalho *Despertando: uma linguagem gráfica fragmentária no design de uma visualidade histórica* menos unívoca de Joab Alves dos Santos, orientado por Marcus Vinícius de Paula, baseia-se na noção de “imagem dialética” de Walter Benjamin, articulada a recursos fragmentários da linguagem de HQs para produzir intervenções visuais em imagens que sustentam modelos excludentes sobre fatos históricos. A pesquisa formula um procedimento em que a intervenção gráfica é

a própria técnica analítica: ao fragmentar, reordenar e reinscrever, busca-se “aflorar a voz dos excluídos” e produzir uma crítica. O núcleo metodológico, aqui, está na construção de um dispositivo alegórico-crítico: um método que faz o argumento aparecer no modo como imagens são recombinações e tensionadas.

O trabalho Design absurdo: Uma investigação da criação absurda aplicada ao design de Vivian de Luna Freire Carlos de Oliveira, orientado por Raquel Ponte, parte de Albert Camus e ancora-se na filosofia de Charles S. Peirce para propor a criação absurda como metodologia de processo criativo. A pesquisa buscou identificar as relações entre o absurdismo e a filosofia peirciana, aplicando os métodos da criação absurda no desenvolvimento de três projetos visuais retomando a avaliação das experimentações práticas por meio de reflexões teóricas, numa dinâmica prática-reflexiva. Embora inclua três projetos visuais, a ênfase é demonstrativa e analítica. A contribuição se dá na formulação de um procedimento reflexivo argumentado, adequado à intensidade e às misturas de linguagem da contemporaneidade.

Encontra-se ainda o estudo qualiquantitativo Fotografia Científica e Plataformas de Ciência Cidadã: Identificação taxonômica da fauna e flora da Ilha do Bom Jesus, de Daniel Jorge de Menezes Mello e orientação de Madalena Grimaldi, sobre fotografia científica e plataformas de ciência cidadã, e a pesquisa Experiência Imersiva e Percepção Emocional: Avaliação da interação com esculturas em Realidade Estendida (XR) por meio da metodologia Kansei, de Bianca Bardela Pereira e mesma orientação, que investiga a experiência do usuário com esculturas em Realidade Estendida (XR) explicitam uma variante “sistêmica” do eixo, centrada na análise crítica de tecnologias de mediação. O que os vincula a este eixo é o método: análise de sistemas visuais e interfaces, identificação de eficiência e implicações para inovação social. Assim, a pesquisa sobre esculturas digitalizadas e experiência em ambientes de realidade estendida, vinculada ao projeto de modelagem das esculturas de Celita Vaccani, ao empregar a metodologia Kansei Engineering coloca no centro a avaliação de dimensões afetivas, sensoriais e emocionais, articulando fundamentação teórica, desenvolvimento do ambiente e análise das respostas.

O segundo eixo, portanto, se define por: (1) construção de corpus e critérios de análise; (2) operações de leitura, comparação e modelagem (frequentemente visuais); (3) prática como instrumento de pensamento e prova (intervenções, traduções, testes); e (4) resultados na forma de métodos, modelos interpretativos, tipologias, argumentos crítico-visuais e recomendações sobre sistemas e mediações.

Eixo 3 – Iteratividade orientada a diretrizes: do artefato ao conceito

O terceiro eixo reúne pesquisas prospectivas em que a prática projetual é conduzida por iteração e validação progressiva, visando não apenas produzir artefatos, mas consolidar conceitos operacionais, isto é, noções que passam a orientar decisões e resultados transferíveis: diretrizes, frameworks, heurísticas, arcabouços de análise e recomendações aplicáveis

sob condições explicitadas. Aqui, teoria e prática se articulam em um regime de teste e refinamento: hipóteses são formuladas, materializadas, confrontadas com evidências (usuários, contextos, literatura, análise de repertório) e convertidas em sínteses.

O estudo *Distint@s: um projeto crítico sobre Design e a produção da imagem de personagens femininas nos jogos digitais* de Déborah Rezende Gouvêa, com orientação de Fabiana Oliveira Heinrich, é um exemplar do eixo 3: parte de um diagnóstico crítico (estereótipos e objetificação de personagens femininas em jogos digitais) e estrutura uma metodologia que combina revisão bibliográfica, questionários com jogadoras e entrevistas com designers. O resultado, um kit de diretrizes para criação de personagens originais e não objetificadas, é o tipo de saída que caracteriza o eixo: uma ferramenta de validação para equipes de criação, orientada a mudança cultural e critérios de inclusão. O valor acadêmico do trabalho está na passagem do diagnóstico à formalização: transformar crítica em procedimento, e procedimento em diretriz comunicável.

A pesquisa *Visualizar o Inimaginável: hiperobjetos e visualização de dados no Antropoceno* de Rodolfo Almeida, orientado por Doris Kosminsky, aborda a emergência climática na visualização de dados, explicitando claramente o mecanismo do eixo. O trabalho enfrenta um problema de escala e representação, mobilizando o Antropoceno e o conceito de “hiperobjetos” de Timothy Morton (2013) para justificar por que o fenômeno desafia repertórios convencionais. O percurso integra análise de projetos de design visual e revisão sistemática de literatura, mas o ponto decisivo é a proposição de desenvolvimento iterativo de visualizações que comuniquem a própria problemática de representação. As saídas previstas – arcabouço de análise, protótipos e construção de um imaginário visual – constituem uma trajetória típica do eixo: um circuito em que protótipos não são fim, mas meio para estabilizar critérios, linguagem e generalizações responsáveis.

Finalmente, o estudo sobre fisicalização acessível de dados, realizado em parceria com o Instituto Benjamin Constant - RJ, fornece um exemplo particularmente forte de como este eixo transforma prática em conhecimento transferível. A pesquisa *Fisicalização da informação para pessoas com deficiência visual* de Giovanna Farah, também orientada por Doris Kosminsky, conjuga revisão de literatura e workshop com estudantes cegos e com baixa visão, observando métodos e processos na criação de fisicalizações. A análise qualitativa, articulada às evidências teóricas, culmina em um framework com 49 recomendações para fisicalizações acessíveis. Isso é central: o conhecimento não fica restrito ao caso; ele se formaliza como diretriz, com potencial de orientar novas práticas e preencher uma lacuna no campo.

Em termos sintéticos, este eixo se define por: (1) ciclos iterativos orientados a hipótese e critérios; (2) articulação entre evidência empírica e fundamentação teórica para justificar decisões; (3) formalização de saídas transferíveis (kits, frameworks, recomendações, observações); e (4) compromisso com explicitação de condições de uso e limites de

generalização. Neste eixo a relação teoria-prática se torna mais verificável: a prática gera teoria na forma de conceitos operacionais e diretrizes; a teoria retorna à prática como critério, método e avaliação.

Ao organizar as pesquisas nesses três eixos – Poéticas do fazer, Modelagens crítico-analíticas e Iteratividade orientada a diretrizes – torna-se possível descrever com precisão como o PPGD/EBA/UFRJ sustenta metodologias teórico-práticas para produção de conhecimento. Cada eixo responde, à sua maneira, ao problema inicial do conhecimento tácito: no primeiro, torna-o comunicável por documentação e crítica do processo; no segundo, por instrumentos analíticos e argumentos que modelam relações e desmontam pressupostos; no terceiro, por iteração e formalização de sínteses transferíveis. A tipologia, assim, torna o debate mais explícito, oferecendo uma gramática para discutir rigor, evidência e contribuição no design quando teoria e prática são indissociáveis.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, situamos a criação do PPGD/EBA/UFRJ no contexto mais amplo do debate sobre a relação entre teoria e prática na pesquisa em design. A partir de suas heranças epistemológicas, das tensões históricas entre pensar e fazer e das contribuições sobre pesquisa em, para e por meio do design, argumentamos que essa relação não se resolve por hierarquização, mas pela construção de articulações capazes de produzir conhecimentos situados, comunicáveis e criticamente fundamentados.

Nesse percurso, a noção de transição nos limites entre teoria e prática mostrou-se produtiva para compreender a pesquisa em design como um campo contínuo de variações, no qual experimentação, reflexão e formalização conceitual se articulam. Em vez de conceber teoria como algo exterior ao processo projetual (designing) ou reduzir a prática à aplicação instrumental, os referenciais discutidos indicam que o conhecimento pode emergir do próprio fazer do design, desde que submetido a critérios de explicitação, sistematização e validação compatíveis com o campo acadêmico. Deste argumento decorrem quatro núcleos: (1) o design como prática fundada no fazer; (2) a exigência de explicitação e validação; (3) a transição – e não a dissolução – dos limites teoria-prática; e (4) a teoria como algo que pode ser criado por meio da prática do design.

A organização das pesquisas do PPGD/EBA/UFRJ em três eixos – Poéticas do fazer, Modelagens crítico-analíticas e Iteratividade orientada a diretrizes – não estabelece modelos normativos. Em consonância com Redström (2017), oferecem exemplos que iluminam possibilidades e tornam visíveis diferentes regimes de produção de conhecimento. A tipologia permite discutir com maior precisão o que conta como evidência, rigor e contribuição quando teoria e prática são indissociáveis: seja pela documentação reflexiva do processo e da materialidade, pela construção de instrumentos e argumentos crítico-visuais, ou pela iteração orientada à formalização de sínteses transferíveis.

Por fim, ao registrar e analisar experiências do programa, o artigo não propõe um modelo fechado de pesquisa teórico-prática, mas contribui para a consolidação de um vocabulário crítico-metodológico capaz de sustentar investigações futuras. Ao reconhecer a diversidade de estratégias, para articular processo projetual e produção de conhecimento, reafirma-se o design como campo legítimo de pesquisa acadêmica, comprometido com a complexidade dos problemas contemporâneos e com a criação de metodologias sensíveis às relações entre cultura, tecnologia e sociedade.

Referências

- ARCHER, Bruce. The Nature of Research. **Codesign - interdisciplinary journal of design**. January, 1995. pp 6-13
- BOMFIM, G. A. Sobre a Possibilidade de uma Teoria do Design. In: **Estudos em Design**. Ano II; Vol. II. Rio de Janeiro, 1994.
- DOWNTON, P. **Design research**. Reprinted ed. Melbourne: RMIT University Press, 2005.
- DURLING, D., FRIEDMAN, K. & GUTHERSON, P. (2002). Editorial: debating the practice-based PhD. **International Journal of Design Science and Technology**, 10 (2), 7-18.
- FRANKEL, L.; RACINE, M. The Complex Field of Research: for Design, through Design, and about Design, in Durling, D., Bousbaci, R., Chen, L, Gauthier, P., Poldma, T., Roworth-Stokes, S. and Stolterman, E (eds.), **Design and Complexity - DRS International Conference 2010**, 7-9 July, Montreal, Canada, 2010. <https://dl.designresearchsociety.org/drs-conference-papers/drs2010/researchpapers/43>
- FRAYLING, C. **Research in art and design**. Royal College of Art, London, v. 1, nº 1, p.1-5, 1993/4.
- INGOLD, T. **Fazer: Antropologia, Arqueologia, Arte e Arquitetura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- MORTON, Timothy. **Hyperobjects: philosophy and ecology after the end of the world**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2013.
- NIEDDERER, K.; REILLY, L. Research practice in art and design: Experiential knowledge and organised inquiry [Editorial]. **Journal of Research Practice**, 6(2), Article E2, 2010. <http://jrp.icaap.org/index.php/jrp/article/view/247>
- REDSTRÖM, J. **Making design theory**. Imprint: Cambridge, MA: MIT Press Ltd, 2017.
- SCHÖN, D. A. **The reflective practitioner: how professionals think in action**. New York: Basic Books, 1983.

Este artigo utilizou ferramentas de IA generativa como apoio à síntese de trechos e à revisão gramatical. Todas as decisões analíticas, interpretações e a versão final do texto são de responsabilidade das autoras.

Recebido: 23 de janeiro de 2026

Aprovado: 23 de Fevereiro de 2026.